

Domine suas finanças

Conquiste a Independência
Financeira fazendo o simples

POR MURILO PÉRCIA



Índice:

- 1** – Sobre o autor
- 2** – Propósito desse e-book
- 3** – Introdução
- 4** – Abordagem EDOC para domínio de suas finanças pessoais
- 5** – O milagre dos juros compostos
- 6** – Reserva de emergência
- 7** – Análise de perfil do investidor
- 8** – Conceitos básicos de economia e finanças
- 9** – Categorias de investimentos
- 10** – Renda fixa
 - 10.1** – Títulos públicos
 - 10.1.1** – Tesouro Selic
 - 10.1.2** – Prefixado
 - 10.1.3** – Tesouro IPCA
 - 10.2** – Títulos emitidos por bancos
 - 10.2.1** – Poupança
 - 10.2.2** – CDB
 - 10.2.3** – LCI e LCA

11 – Renda variável.

11.1 – Ações

11.2 – Fundos de investimento imobiliário (FII)

11.3 – Exchange Traded Funds (ETF)

12 – Fundos de investimento

13 – Riscos de perda do capital investido

14 – Outros tipos de investimento

15 – Roteiro para começar a investir

Sobre o autor

Murilo Pércia é economista com MBA em gestão de negócios pela COPPEAD/UFRJ, com cursos de especialização em finanças em Stanford (EUA) e em logística pela Universidade de Nevada (EUA). É membro do Conselho Deliberativo do Multibra, empresa do grupo Bradesco gestora de planos de previdência privada fechados.

Após 30 anos de experiência como executivo de finanças corporativas, atuando em posições-chave em grandes empresas, passou a atuar, desde 2015, como empreendedor e consultor de negócios, É, ainda, investidor em mercados financeiros, imobiliário e moedas digitais.

Ao longo de sua vida, trilhou muitos caminhos para buscar a forma mais eficiente para alcançar a independência financeira. Para isso, estudou várias das incontáveis alternativas de investimento e atuou em muitas delas, muitas vezes apenas pelo aprendizado e para “pegar o jeito” do mercado, até entendê-lo a ponto de decidir se ali concentraria ou não os seus esforços como investidor.

Percebeu, enfim, que encontrar formas simples de investir com foco em longo prazo é o caminho mais prático, menos estressante e sossegado rumo à formação de patrimônio.

Atualmente, dedica-se a encontrar e propor formas simples para que novos investidores assimilem conceitos básicos de finanças e alcancem sua independência financeira no menor espaço de tempo e com o menor sacrifício possível.



Propósito deste ebook

Decisões de investimento possuem um forte componente comportamental. Assim, cada investidor é, em si, um universo particular cujos desejos, interesses e objetivos serão sempre distintos. Essa é uma regra que vale para todos, tanto para aqueles bem treinados e iniciados no mundo das finanças, quanto para os iniciantes ou leigos no assunto.

O que os difere é que um investidor bem treinado desenvolverá uma maior capacidade de discernir, dentre as infinitas alternativas de alocação do seu capital, aquelas com as quais mais se identifica, terá uma maior clareza para perceber os riscos e as oportunidades que passam à sua frente, assim como as classes de ativos que mais se adequam ao seu estilo e objetivos de vida. Além disso, estará apto a escolher ferramentas e metodologias que o ajudem a simplificar e conduzir a sua vida financeira de forma eficaz, com tendência de alcançar resultados favoráveis e atingir seus objetivos com maior rapidez e menor sacrifício.

Já um investidor com poucos conhecimentos encontrará dificuldades em identificar os ativos mais afinados com as suas características pessoais, mesmo que muito bem assessorado. Além disso, a falta de informação a respeito das características de cada ativo tenderá a mantê-lo sempre receoso, limitando a sua capacidade de evoluir para perfis de investimento mais arrojados que poderiam lhe oferecer ganhos mais expressivos. Desprovido das ferramentas adequadas e das metodologias que lhe permitam organizar suas finanças e desenvolver necessária disciplina, poderá encontrar dificuldades em conseguir gerar excedentes para investimentos.

O propósito deste ebook é entregar conhecimentos financeiros básicos, mas suficientes para capacitar os seus leitores a assumir o controle sobre suas finanças pessoais, de forma simples e eficaz, tornando-os aptos para, com o apoio de especialistas, alcançarem a sua independência financeira com o menor nível de sacrifício possível.

Destina-se a pessoas comuns que têm em suas atividades profissionais a sua principal fonte de renda e buscam encontrar disciplina e orientação para gerar excedentes e investi-los em busca de independência financeira no longo prazo.

Introdução

Atingir a independência financeira implica em assumir algum nível de sacrifício, em especial no início da vida profissional, quando a geração de renda tende a ser menor, e a capacidade de gerar excedentes idem. Basicamente, tudo dependerá da decisão de organizar as finanças e evitar gastos desnecessários para gerar excedentes e investir. E, se necessário, adiar consumo momentâneo em nome de obter um benefício maior no futuro, através da geração de renda passiva (quando o seu dinheiro trabalha para você).

Por isso, quanto mais cedo iniciar, melhor, já que é na fase inicial da vida adulta que há um menor nível de comprometimento da renda com gastos obrigatórios, os quais chegarão, mais cedo ou mais tarde, após constituição de família e/ou outros compromissos que virão naturalmente.

A ausência de educação financeira nos programas escolares e mesmo em nossos lares tem feito com que os esforços necessários para a formação de patrimônio sejam vistos como algo penoso, cujo esforço não compensa. Não há dúvida que abrir mão de prazeres no presente em prol de um futuro possivelmente mais confortável, requer uma dose de sacrifício. Mas, se você for capaz de adotar um método simples e eficaz para isso, verá como tudo pode ser mais fácil. Mais à frente, com o plano em marcha, os frutos tenderão a vir com abundância, os sacrifícios se anulam, e você então poderá atingir a fase de usufruto antes do que imagina.

O grande desafio para você começar e manter constância nos investimentos é criar mecanismos que lhe permitam incluir essa atividade como um ato corriqueiro em sua vida, a exemplo de qualquer outra atividade fundamental, como estudar, trabalhar, pagar contas, dormir ou alimentar-se.

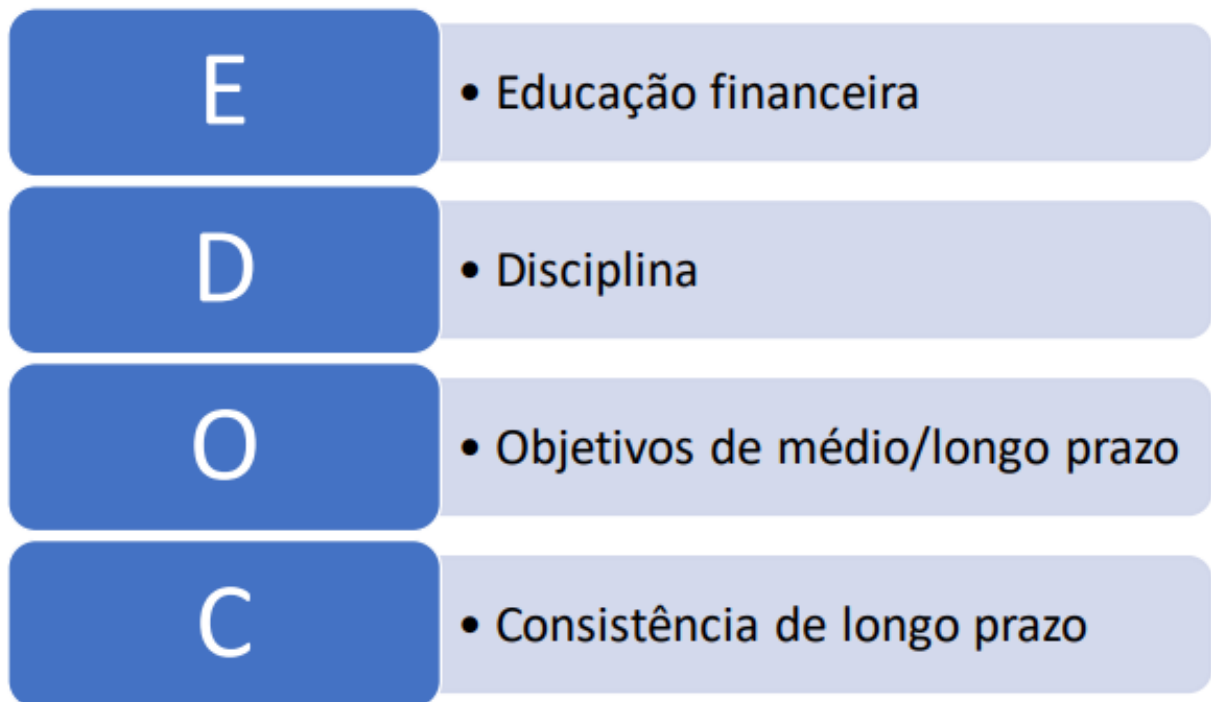
Abordagem EDOC para domínio de suas finanças pessoais

Proponho uma abordagem para moldar e suavizar a influência do componente comportamental sobre as nossas decisões de investimento, assim como reduzir os sacrifícios para o ato de poupar, que tenho usado ao longo da minha experiência.

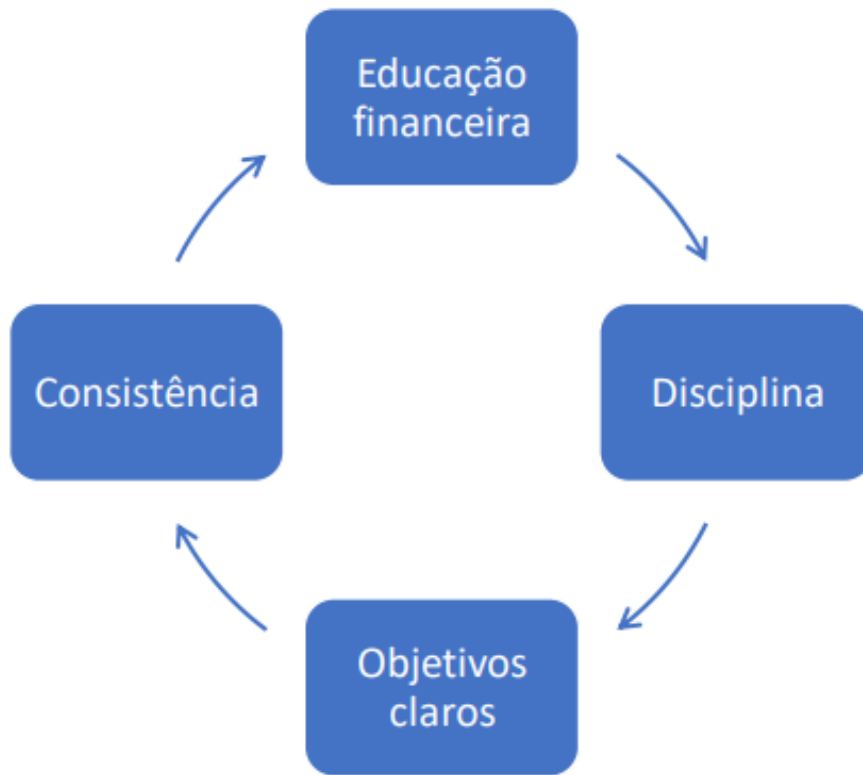
Requer manter o foco em resultados de longo prazo e adotar algumas renúncias momentâneas. Quanto mais cedo puder iniciar, mais cedo colherá os resultados e menores - talvez até imperceptíveis - serão as privações, dependendo da forma como conduza seu estilo de vida e do tamanho dos seus objetivos em relação à sua capacidade de poupar.

No meu caso particular, comecei um pouco tarde e com pouca orientação. Por isso, penei um pouco e demorei a colher resultados. Mas o lado bom da história é que a combinação de Educação + Disciplina + Objetivos + Consistência trouxeram os resultados esperados. Imagine as vantagens para quem iniciar cedo!!!

Para facilitar a memorização, chamo essa abordagem de EDOC, uma combinação de quatro iniciativas que, unidas, potencializam os resultados individuais, provocando um efeito espiral multiplicador, quando atuam umas sobre as outras.



Abordagem comportamental EDOC e como a ação sincronizada retroalimenta o sistema e o encarrega de promover efeito multiplicador (espiral de ganho de eficiência):

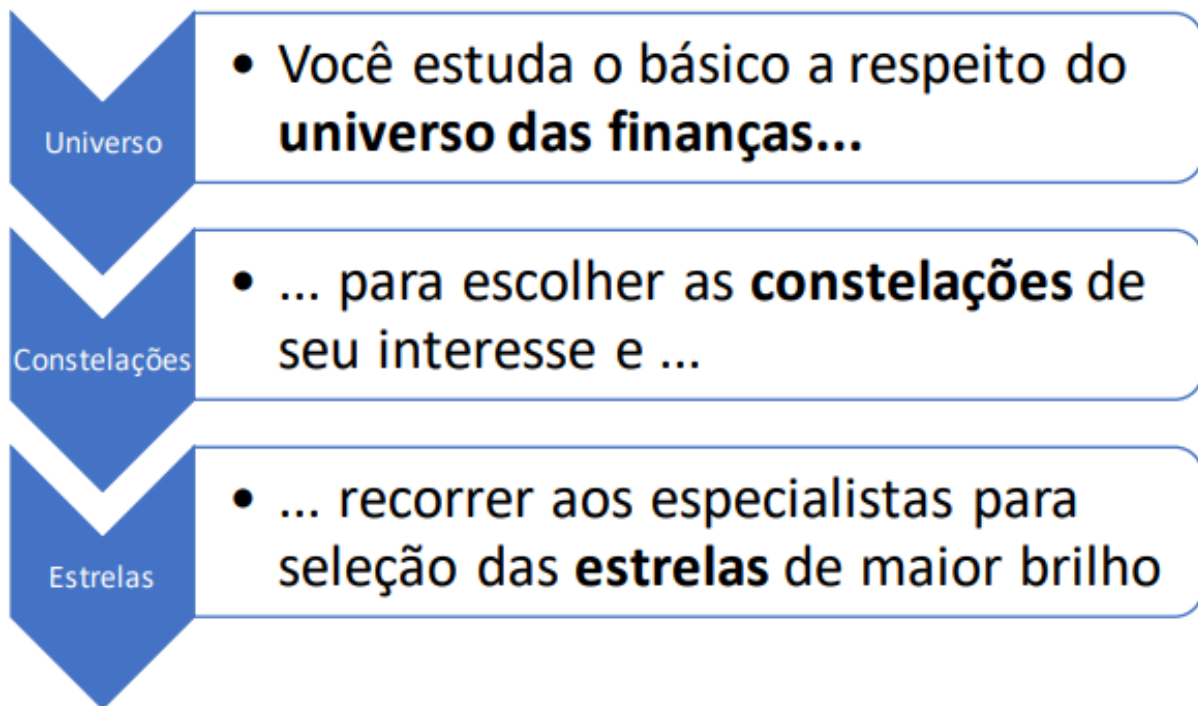


Educação financeira

É a base de tudo. Ninguém conhece melhor as suas necessidades, desejos, tolerância a risco, objetivos e intuições do que você mesmo. Portanto, procure conhecer os principais tipos de investimentos e os riscos e oportunidades inerentes a cada um deles, para que possa selecionar por conta própria aqueles com os quais se sente confortável em investir.

Pode parecer complexo, mas dedicando regularmente poucas horas de estudo direcionado você entenderá a dinâmica do mercado financeiro que, sim, oferece infinitas possibilidades, mas com conhecimentos básicos você já estará capacitado a trilhar o seu caminho, bastando contar com o apoio de especialistas para os ajustes finos.

Sempre contei e até hoje me apoio numa rede de especialistas para decidir sobre meus investimentos. Mesmo para quem “é da área”, é tema complexo. Ajo, até hoje, exatamente como proponho a vocês: estudo a essência do universo, torno-me apto a escolher as constelações que me interessam e recorro aos especialistas para selecionarem as estrelas de maior brilho.



Vamos a um outro paralelo, desta vez com a medicina. Ninguém melhor do que o próprio paciente para explicar ao médico o que está sentindo, o que o incomoda e onde. A dor é de quem tem. Mesmo não sendo um especialista, é possível a um leigo, em muitos casos, identificar se a sua dor é no estômago ou na coluna. Estudos escolares básicos de biologia e corpo humano nos ajudaram, no mínimo, a ganhar algum entendimento sobre o nosso próprio corpo. Com esse sentimento básico, mesmo um leigo saberá ao menos que tipo de especialista consultar.

Com investimentos o comportamento é parecido. É necessário conhecimento básico para que você possa escolher o que gosta, os riscos que tolera e o que entende ser aplicável ao atingimento dos seus objetivos. Aí, então, entram os especialistas. É chegada a hora de buscar esse conhecimento básico para alcançar a sua independência financeira.

Qual é o caminho? Leitura de conteúdos básicos, mas relevantes para ir aprofundando-se ao longo do trajeto, na medida da sua necessidade e curiosidade. E, em paralelo, colocar-se em marcha, iniciando os investimentos, já que a prática é uma das formas mais eficazes de aprendizado e ganho de sensibilidade. É um processo. Um passo revela o próximo.

“A prática é uma das formas mais eficazes de aprendizado”.

Meu papel é ajudá-lo nesse processo, produzindo materiais como este e também, publicando e indicando, no site da Omnimedbrasil.com, conteúdos que sejam relevantes para o aprendizado prático, rápido e simples, proporcionando aquisição de conhecimento em paralelo à construção de patrimônio, os dois pilares erguendo-se harmônica e concomitantemente.

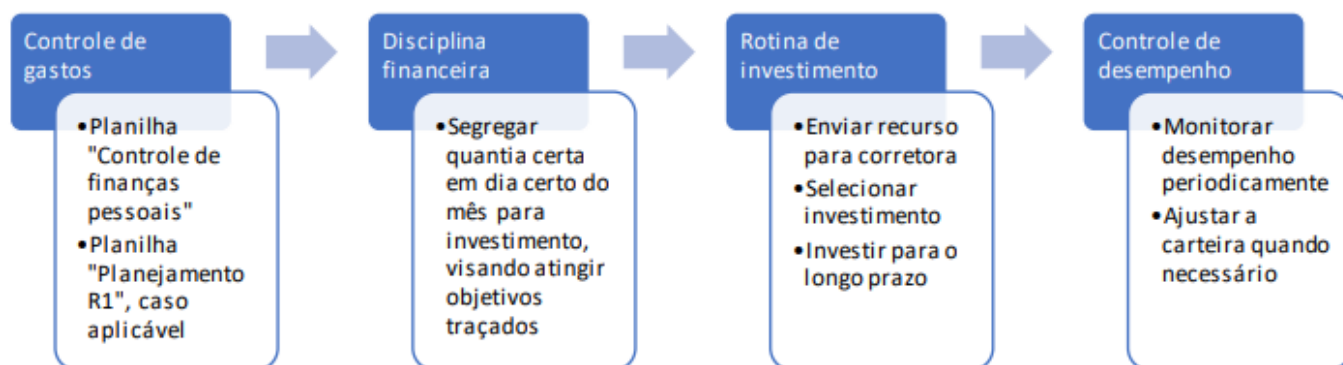
Ao ganhar confiança através do conhecimento, você estará apto e se sentirá encorajado a investir em ativos mais sofisticados, melhorando a rentabilidade potencial do seu conjunto de ativos, incorporando, também, práticas de mitigação (diversificação, seguros) dos riscos adicionais e aumentando a eficiência da carteira.

Como disse acima, vou ajudá-lo a conhecer o universo de finanças (educação financeira), para que selecione por si só as constelações (classes de ativos) que lhe agradam, apoiando-nos nos especialistas para o garimpo das estrelas (ativos específicos).

Perceba que somente a aquisição de conhecimento tornará possível a evolução do seu perfil de investidor de Conservador para Moderado e, então, para Arrojado. Caso contrário, dificilmente você se sentirá apto a tomar riscos que não conheça e não saiba como controlá-lo se poderá limitar-se a obter resultados irrelevantes em ativos ultraconservadores de baixa rentabilidade.

Disciplina

Consiste em criar os meios para alcançar os objetivos de médio/longo prazo traçados. Nesse quadrante estão:



O monitoramento e os ajustes da carteira têm por benefício otimizar a rentabilidade, controlar riscos e alimentar a espiral de eficiência do sistema EDOC.

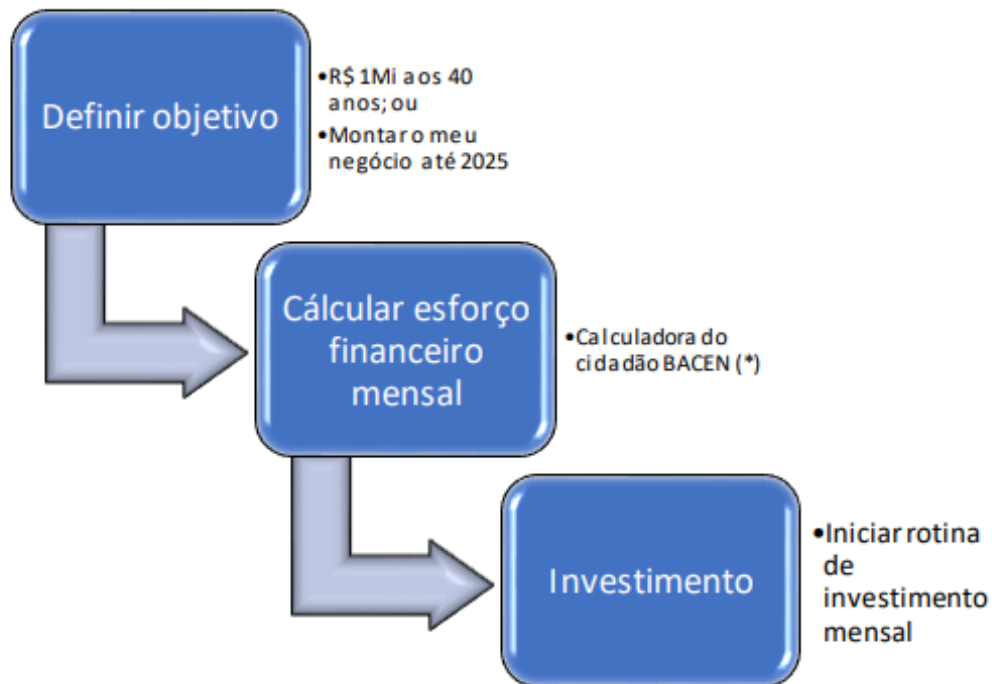
Macete: retire de sua conta corrente a sua cota de investimento no dia do mês em que receber seus honorários mais vultosos. Considere-a como um recurso que "não existe" para gastos.

Objetivos de médio prazo (MP) e longo prazo (LP)

Saber onde quer chegar, almejando a concretização de uma meta importante em sua vida cria um senso de compromisso e de missão e gera um desafio que, se no início da jornada provoca algum sentimento de sacrifício, converte-se em satisfação e sensação de conquista na medida em que os resultados começam a surgir.

Elabore seus planos, estude cenários, faça ajustes, encontre formas de reduzir os gastos e aumentar a renda, até estar seguro de ter um plano atingível e equilibrado, significando que o comprometimento de renda mensal seja, ao mesmo tempo:

- a)** relevante o suficiente para mudar a sua vida no futuro;
- b)** equilibrado o suficiente para lhe garantir uma vida prazerosa no presente.



(*) Pesquise no google: “BCB – Calculadora do cidadão”. No menu, use duas calculadoras: “Aplicação com depósitos regulares”

“Valor futuro de um capital”.

Consistência de longo prazo

Ser consistente é seguir o plano independentemente das dificuldades que surgem e das armadilhas que nós mesmos nos impomos, os famosos assaltos à poupança por “merecimento”: troca de carro, reformas da casa, viagem dos sonhos.

Não estou sugerindo uma vida chata, em preto e branco. Em oposição a isso, proponho um bom planejamento antecipado, no qual todos os sonhos poderão ser realizados sem impactar o hábito virtuoso de investir.

Sou o primeiro a defender que não devemos nos tornar escravos de nossas finanças, nem tampouco de controles excessivos, como contar os centavos gastos. Nada disso. Tudo deve ser feito com bom senso. Porém, saiba que a consistência de longo prazo tem um efeito muito relevante na formação de riqueza, muitas vezes mais significativo do que as próprias decisões de alocação financeira em si (onde investir). Ser consistente não é apenas comprometer-se com o plano inicial, mas estar atento para revisá-lo visando aumentar os investimentos mensais na medida em que o fluxo de caixa se torne mais robusto com a evolução dos seus ganhos.

Que tal uma revisão anual, para correção e otimização da rota e, mais uma vez, alimentar a espiral de eficiência do seu sistema de investimento?

“Invista com foco no longo prazo”



Resumo dos 7 hábitos do sistema de atitudes comportamentais EDOC:

- 1** – Eduque-se constantemente
- 2** – Controle seus gastos mensais para gerar excedentes para investimento
- 3** – Descubra o seu perfil de investidor
- 4** – Crie disciplina para investimentos
- 5** – Projete objetivos de médio e longo prazos e tenha um plano para conquistá-los
- 6** – Monte uma carteira voltada para o longo prazo e invista consistentemente
- 7** – Acompanhe o desempenho de seus investimentos periodicamente e ajuste-os

O milagre dos juros compostos

Em que momento devo começar? Há muita diferença entre começar cedo ou adiar o início de meus investimentos? Comece agora, mesmo que não tenha educação financeira suficiente, metodologia clara e o ferramental necessário. Comece simples e a partir dos investimentos mais conservadores. A melhor forma de aprender é fazendo. Além disso, apesar de nunca ser tarde para começar, o fato é que faz muita diferença começar cedo, e o motivo está no chamado “milagre dos juros compostos”.

Suponha que você tenha 25 anos de idade, tenha criado a disciplina para economizar R\$ 3 mil por mês e pretenda continuar a fazer esse esforço até os 45 anos de idade. Um colega seu tem 30 anos agora e também investirá R\$ 3 mil até os 45 anos. Usando a calculadora de juros compostos do Banco Central do Brasil (BACEN), supondo uma rentabilidade de 1% ao mês, chegaremos à seguinte situação:

Quem	Idade inicial	Idade final	Anos	Investim./mês	Juros/mês	R\$ final
Você	25	45	20	3.000	1%	2.997.444
Amigo	30	45	15	3.000	1%	1.513.728

O fato de você ter começado a investir 5 anos antes lhe exigiu um esforço adicional, quando comparado com o seu amigo, de R\$ 180 mil (R\$ 3 mil x 60 meses), a valores originais.

Seu sacrifício resultará numa diferença, em seu favor, quando você dois chegarem aos 45 anos de idade, de R\$ 1.413.716, quase o dobro do valor que ele terá acumulado.

Esse é o “milagre dos juros compostos”, resultado do acréscimo dos juros do mês atual ao saldo anterior, formando um novo saldo sobre o qual incidirão os juros do mês seguinte, e assim sucessivamente.

Esse comportamento confere um padrão exponencial (juros sobre juros) aos seus investimentos. Os efeitos são pouco evidentes no curto prazo, mas no médio/longo prazo cria um incrível efeito multiplicador.

Faça você mesmo os cálculos, usando a calculadora de juros compostos do Banco Central do Brasil, e simule situações aplicáveis ao seu caso concreto. Podem ser muito úteis na tomada de algumas decisões relativas à sua atividade profissional.

Reserva de emergência

Montar uma reserva de emergência, ou reserva de liquidez, é uma iniciativa prudente e recomendável. Nada mais é do que manter um colchão financeiro de liquidez para que você possa, diante de casos imprevistos, recorrer a recursos próprios, evitando endividar-se para assumir gastos com: doenças, desocupação profissional, perdas materiais, perdas em negócios, pausas para estudo, etc.

A depender da forma como você se organiza, dos seguros que contrata (saúde, vida, invalidez temporária) e do seu grau de conservadorismo, a reserva pode cobrir de 3 até 12 meses dos seus gastos mensais. Dada a forte dinâmica da profissão médica, defendo que a reserva cubra um período entre 3 e 6 meses, o que pode significar algo entre R\$ 20 mil e R\$ 50 mil reais, na média.

A **reserva de emergência** deve ser aplicada em ativos de:

Baixo risco: Tesouro Direto (títulos de menor risco dentre todos)

Alta liquidez: resgate imediato (D0 ou D+1) (*)

Renda fixa pós-fixada: Tesouro Selic

Por essa razão, calcule o valor da sua reserva de emergência e invista em ativos conservadores (veja mais abaixo), mesmo que o seu perfil de investidor apurado na ferramenta API (Análise de Perfil de Investidor) tenha indicado perfil moderado ou arrojado.

Ah, e caso vá precisar de recursos para cumprir o seu período de residência, não se esqueça que usar também a planilha “Planej R1”, para determinar o valor que precisará acumular para essa fase, o qual deverá ser acrescido à **sua reserva de emergência**.

Use o seguinte material de apoio:

Planilha “Controle de Finanças Pessoais”

[**CLIQUE AQUI**](#)

Planilha “Planejamento R1 Original”:

[**CLIQUE AQUI**](#)

Análise de perfil do investidor

Todo investidor deve procurar entender a sua forma de reagir frente aos efeitos da dinâmica dos mercados sobre os seus investimentos.

Traçar o seu perfil é o primeiro passo para entender os aspectos psicológicos ligados à sua tolerância ao risco, como você reagirá frente às flutuações do mercado e aos impactos sobre as suas carteiras de investimento. Portanto, conhecer a sua forma de enxergar suas finanças é um dos princípios do investidor eficiente.

O seu perfil é o que vai definir a escolha equilibrada das classes de ativos que comporão a sua carteira de investimentos, para uma acumulação de patrimônio em ritmo confortável e continuado, de acordo com a sua tolerância ao risco, estando em paz para se dedicar integralmente à sua atividade-fim sem preocupações com suas finanças. O perfil costuma mudar ao longo das fases de vida, como você poderá notar ao analisar as suas características, a seguir.

Há 3 principais perfis de investidor:
conservador, moderado e agressivo.

Conservador

- Busca a preservação do patrimônio e não lida bem com perdas, mesmo que temporárias.
- Tem patrimônio já constituído ou é iniciante e tem receio de mercados mais dinâmicos
- Pode precisar dos recursos a curto prazo (até 1 ano)
- Tem pouca familiaridade com o mercado financeiro

Moderado

- Busca equilíbrio entre preservação e crescimento do patrimônio e aceita pequenas perdas para elevar os ganhos a médio/longo prazo
- Está em fase de construção do patrimônio
- Pretende usar os recursos em médio ou longo prazo (3 anos ou mais)
- Tem alguma familiaridade com o mercado financeiro

Agressivo

- Busca maximizar a rentabilidade e aceita perdas em busca de ganhos elevados no futuro
- Tem objetivos ambiciosos e busca independência financeira
- Pretende usar os recursos a longo prazo (acima de 5 anos)
- Tem conhecimento, mas precisa de assessoria financeira para investimentos complexos

Conceitos básicos de economia e finanças

Juro: representa o custo do dinheiro, o quando você aceitará para emprestar seu dinheiro ou o quanto estará disposto a pagar para tomar dinheiro emprestado. O valor dos juros de cada investimento depende de uma série de fatores como inflação, riscos, prazo, condições contratuais, dentre outros.

Taxa Selic: é a taxa básica de referência de juros do Brasil, definida pelo Banco Central. É o principal instrumento de política monetária do governo, cujo principal papel é o de controlar a inflação e a atividade econômica do país. Serve como referência para a definição das taxas de remuneração de vários tipos de investimento.

CDI (Certificado de Depósito Interbancário): são os títulos de empréstimos interbancários que os bancos realizam entre si para fecharem os seus balanços diários. É a taxa usada como referência para a realização dos investimentos conservadores e tem como referência a Taxa Selic, por isso tem valores muito próximos a ela.

Risco - retorno - Risco é a possibilidade de perda de capital. Retorno é o potencial que determinado ativo tem de gerar rendimentos. Maiores retornos somente são obtidos com maior exposição a risco, não só nos investimentos, mas em qualquer situação em nossas vidas. Quanto maiores as garantias um ativo lhe oferece, menores os riscos você corre e, por consequência, maior a sua tendência de aceitar uma menor remuneração pelo capital investido. Por um outro lado, quanto menores as garantias e maiores as incertezas quanto ao futuro, maior deverá ser a remuneração do investimento para que você se sinta atraído.

Portanto, correr riscos tem o seu preço e sempre terá, como contrapartida, a possibilidade de obtenção de melhores resultados. Investimentos que oferecem um potencial de retorno elevado, estão certamente expostos a riscos superiores aos de ativos que oferecem um menor potencial de retorno.

A busca pelo equilíbrio entre risco x retorno é um dos principais componentes na tomada de decisão dos investidores na formação de suas carteiras de investimentos.

Por isso é que os investidores prudentes procuram manter uma carteira equilibrada através de um mix entre ativos de menor risco potencial (renda fixa) e de maior risco potencial (renda variável), de acordo com a sua tolerância ao risco.

Tolerância ao risco - Trata-se de característica individual de cada investidor, ligada à sua capacidade psicológica de tolerar perdas de curto prazo em busca de uma maior rentabilidade a médio/longo prazos. Daí a importância para o investidor definir a sua tolerância ao risco através de instrumentos de Análise de Perfil de Investidor (API), que auxiliam a definir o perfil de investimento ideal para o seu caso: conservador, moderado ou arrojado

Tabela regressiva de IR

Incide sobre boa parte dos investimentos de Renda Fixa e Fundos de Investimento de longo prazo (títulos com vencimento médios superiores a 365 dias).

Prazo do investimento	% de IR sobre rendimento bruto
Até 180 dias	22,5%
De 181 a 360 dias	20%
De 361 a 720 dias	17,5%
Acima de 720 dias	15%

Fundo Garantidor de Crédito (FGC) - O FGC é uma instituição privada sem fins lucrativos criada pelas instituições financeiras para dar garantia aos investidores em caso de falência e insolvência de seus membros. Caso um título emitido por um banco não seja honrado, até o limite de R\$ 250 mil por investidor e por emissor, o FGC garante a devolução. A garantia abrange Depósitos à vista, Poupança, CDB, LCI e LCA, dentre outros.

O FGC não cobre os títulos públicos (Tesouro Direto), que têm a garantia do próprio Tesouro Nacional, e são considerados os títulos de menor risco dentre todos. Não cobre, também, os títulos emitidos por empresas.

O FGC recebe aportes das instituições participantes, e mantém um saldo, em 2019, de R\$ 80 bilhões, tido como suficiente para cobrir falências isoladas de bancos. O FGC sempre honrou as garantias dos investidores (37 vezes nos últimos 24 anos), com prazos médios de pagamento de 90 dias. Convém dizer, no entanto, que no caso de uma quebra sistêmica (nunca ocorrida) ou de quebra de um banco de grande porte, é possível que os recursos do FGC não sejam suficientes para atender toda a demanda.

Fonte: XP INVESTIMENTOS

Categorias de investimentos

Podemos dividir os investimentos em duas grandes categorias: **renda fixa e renda variável**.

Renda fixa: empréstimo que o investidor faz ao emissor de um título representativo de uma dívida, buscando uma remuneração (juros), com base em indexadores definidos no momento da contratação e que permitem uma certa previsibilidade nos rendimentos e, por consequência, menores riscos, oferecendo maior segurança.

Pode ser prefixada: quando você sabe exatamente quanto vai receber no vencimento; pós-fixada: quando a taxa é definida no futuro; ou indexado à inflação: quando o título é híbrido, contendo uma parcela pré (juros fixos) e outra pós (IPCA).

Renda variável: são investimentos em ativos cujos retornos não podem ser mensurados no momento da aplicação, caracterizando-se pela imprevisibilidade dos rendimentos. Os principais são: ações, commodities (ouro, minerais, produtos agrícolas), câmbio e derivativos (opções). Falarei deles mais à frente.

Renda fixa

- Indexador da dívida
- Emissor da dívida
- Prazo
- Marcação do preço
- Garantia

Indexador da dívida: é a taxa de juros à qual o título será remunerado, como por exemplo a taxa Selic, índice de inflação, CDI, taxa fixa (prefixada).

Emissor da dívida: é quem toma o dinheiro emprestado e assume a obrigação de pagar. Os emissores podem ser: governo (títulos públicos), bancos ou empresas.

Emissor	Principais tipos
Governo	Tesouro Selic (pós-fixado) Tesouro IPCA+ (indexado à inflação) Prefixados (prefixado)
Bancos	CDB, LCA, LCI, Poupança
Empresas	Debêntures, CRI e CRA

Prazo: São as datas de vencimento dos títulos, quando são enfim resgatados pelos investidores. Títulos públicos costumam ter diversas opções de prazos, podendo ser de 2 anos, 5 anos, 10 anos, 20 anos ou mais. Títulos privados têm os mais variados prazos, em geral mais curtos (mês, trimestre, semestre, ano, etc...). Quanto maior o prazo, maior o risco para o investidor (incerteza quanto ao futuro) e, por consequência, maior a remuneração (juros) dos títulos.

Marcação do preço ao valor de mercado: Alguns investimentos, como os títulos públicos, possuem uma característica positiva para os seus detentores: a liquidez imediata. Ou seja, você pode resgatá-los antes da data de vencimento. O valor de resgate é calculado em função das expectativas do mercado com relação ao comportamento futuro dos indexadores destes títulos.

Por exemplo: suponha que você compre um Tesouro Prefixado com taxa de juros de 5% ao ano, com vencimento em 2 anos. O mercado percebe que há uma tendência do governo em elevar a taxa Selic e sabe que isso fará com que, ao emitir novos títulos, oferecerá taxas de 6% ao ano. Os investidores, então, desejarão migrar para esses novos títulos, desfazendo-se dos antigos.

É natural, portanto, que o valor de mercado dos títulos antigos caia e, caso você queira vendê-los, apurará um prejuízo. Essa avaliação é feita constantemente pelo mercado e tem reflexo imediato nos preços das negociações diárias desses títulos. Isso é a “marcação a mercado”.

Esse efeito ocorre nos títulos públicos prefixados, que possuem juros fixos, e nos indexados à inflação, que contemplam juros fixos + índice de inflação (em geral IPCA). Note que ela ocorre sobre os títulos que contêm alguma parcela fixa nas suas taxas (tudo que tem um valor fixo no futuro, tem um valor variável no presente). Portanto, cuidado, pois a renda fixa, em alguns casos (Tesouro IPCA+ e Tesouro Prefixado), pode ter um comportamento variável e resultar em prejuízo, caso você decida se desfazer destes títulos. Pode, também, é claro, proporcionar ganhos, quando o raciocínio do exemplo acima comportar-se de maneira oposta.

Vale lembrar que o rendimento contratado no exemplo acima (5%) será capturado Integralmente se você carregar o investimento até a data do seu vencimento, já que no vencimento, o valor de mercado será o próprio valor do título.

Já nos títulos pós-fixados (Tesouro Selic), os rendimentos são obtidos com base no valor da taxa Selic apurada diariamente. Por isso, estão sempre valorizados ao valor de mercado. Por isso, caso você queira resgatar o Tesouro Selic, não terá perda.

Já os títulos emitidos pelos bancos (CDB, LCI, LCA, etc), costumam ter liquidez somente no vencimento (exceto CDB resgatáveis), motivo pelo qual são marcados “na curva” dos juros aos quais estão indexados e não sofrem “marcação a mercado”.

10.1 – Títulos públicos

Os títulos públicos são considerados os mais seguros dentre todos os investimentos, também chamados de “livres de risco”, pois o risco do governo aplicar um calote e não pagar suas dívidas é muito baixo, porque detém uma série de privilégios para equacionar as suas dívidas, tais como impressão de dinheiro, acesso a fontes de financiamento internacionais e até mesmo aumento de impostos.

Você poderá investir diretamente no site do **Tesouro Direto** ou através de bancos ou corretoras.

Sobre os títulos públicos há incidência de IR sobre os rendimentos, com base na tabela regressiva de IR. Há, ainda, a incidência de IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) somente para saques que ocorram até o 30º dia, com alíquotas também regressivas.

Os mais conhecidos são:

Tesouro Selic (pós-fixado)

Prefixado (prefixado)

Tesouro IPCA (indexado à inflação)

10.1.1 - Tesouro Selic: tem como indexador a taxa Selic, que varia diariamente, em função das negociações realizadas com base nesse indexador. Por isso é chamado de pós-fixado. Ao investir, você não saberá exatamente o quanto ganhará no futuro.

Porém, como a taxa Selic é usada como referência pelo governo para gestão da política monetária a longo prazo, tem uma dinâmica controlada e apresenta baixa flutuação (baixa volatilidade), exceto em períodos de estresse econômico.

O Tesouro Selic reúne características que o fazem ser considerado o mais seguro dentre todos, sendo o mais indicado para você montar a sua reserva de emergência:

- a)** tem o governo como emissor (“livre de risco”);
- b)** tem liquidez imediata;
- c)** é pós-fixado e não resultará em perdas ao ser resgatado.

Por um outro lado, ao oferecer tantas garantias, paga uma baixa remuneração (risco - retorno).

Há, ainda, a possibilidade de investir em Tesouro Selic através de Fundos de Investimentos Soberanos, que investem 100% de seus recursos nestes títulos. Para que valha à pena, ele deverá ser isento de taxa de administração e garantir saquem em D0. Ele tem a vantagem da liquidez imediata (o Tesouro Selic é resgatável em D+1), e por não cobrar a taxa de custódia da Bolsa (B3), que incide sobre os saldos existentes no Tesouro Selic à taxa de 0,25% a.a. sobre o saldo que exceder a R\$ 10 mil. É tributado pelo IOF e pelo IR de acordo com a mesma tabela regressiva aplicável ao Tesouro Direto, porém com sistemática que o desfavorece, notadamente para investimentos de longo prazo. Por isso, o investimento diretamente em Tesouro Selic acaba sendo a melhor alternativa.

Uma outra forma é investir em Fundos DI Simples, que têm por obrigação investir no mínimo 95% em Tesouro Selic. Os demais 5% o gestor do Fundo em geral investe em outros títulos de renda fixa para buscar obter rentabilidade superior ao Selic. Porém, caso não seja bem-sucedido, resultará em rentabilidade inferior a 100% do CDI. Por esse motivo, esse tipo de Fundo não é a melhor indicação para a manutenção da reserva de emergência. É tributado pelo IR e pelo IOF da mesma forma como o anterior.

10.1.2 - Prefixado: tem como indexador uma taxa fixa, de forma que você sabe exatamente o quanto vai receber na data de resgate, tendo a vantagem da previsibilidade. Porém, caso precise de resgate antecipado ao vencimento, terá que vendê-lo ao preço de mercado, o que poderá resultar em perdas ou ganhos, através do mecanismo de “marcação a mercado”. É indicado para os casos em que haja queda das taxas de juros maior do que a expectativa do mercado, no futuro. Dadas as incertezas quanto a esses movimentos, o ideal é que seja contratado em momento de taxa Selic elevada e seja carregado para o longo prazo.

10.1.3 - Tesouro IPCA: tem como indexadores uma taxa de juros prefixada e a variação do IPCA (pós-fixada). Tem como vantagem a proteção contra elevação na Inflação. Porém, caso seja resgatado antes do vencimento, poderá gerar perdas ou ganhos, pelo mecanismo de “marcação a mercado”, na sua parcela pré-fixada.

Esse quadro ajuda na compreensão:

Emissor	Título	Indexador	Rendim.	Características	Efeitos
Governo	Tesouro Selic	Taxa Selic	Pós-fixado	Baixa remuneração	Não há perdas em saques antes do vcto
Governo	Tesouro IPCA+	IPCA + juros fixos	Index. à inflação	Garante ganhos superiores à inflação	Pode gerar perdas ou ganhos em saques antes do vcto
Governo	Tesouro Prefixado	Juros fixos	Prefixado	Previsibilidade: você sabe quanto vai receber ao final	Pode gerar perdas ou ganhos em saques antes do vcto

10.2 - Títulos emitidos por bancos

Os bancos são instituições intermediárias entre os que têm excesso de recursos (investidores) e aqueles que precisam captar empréstimos e financiamentos para alavancarem os seus negócios ou suas vidas pessoais.

Assim, através dos produtos de sua emissão (CDB, LCI, LCA, Poupança) os bancos captam recursos e os emprestam a quem precisa, obtendo lucro na diferença entre os juros que pagam nos investimentos que captam e nos empréstimos que ofertam. Esse diferencial de juros recebe o nome de *spread*.

10.2.1 – Poupança - É o investimento mais antigo e tradicional, ainda largamente utilizado pela população, pela sua simplicidade e por ser considerado, erroneamente, como o mais seguro dentre todos. Ocorre que sendo um produto bancário, a poupança conta com a garantia do FGC e, por isso, oferece riscos mais elevados do que os títulos públicos, além de remuneração inferior.

A poupança, por ser destinada pelos bancos para financiamentos imobiliários, é isenta de IR e de IOF. Porém, o seu rendimento mensal só é computado após completada a data de aniversário. Caso seja resgatada antes dessa data, você perderá a rentabilidade daquele mês.

Mesmo isenta de tributação, a remuneração da poupança tem sido consistentemente menor do que a do Tesouro Selic, não sendo um investimento recomendado atualmente.

10.2.2 – CDB (Certificado de Depósito Bancário)

Da mesma forma que os títulos públicos, os CDB podem ser pré, pós ou indexados à inflação.

Há títulos com prazos mais longos e outros com liquidez diária. Os que não têm liquidez diária (1 mês, 3 meses, 6 meses, 1 ano, 2 anos, ...) não podem ser resgatados antes do vencimento pois, uma vez sendo títulos privados, não são negociados livremente e não possuem “marcação a mercado”. Há situações em resgates antecipados são feitos, mediante a cobrança de boa parte dos rendimentos.

Caso vá investir em CDB, certifique-se que:

- a)** possuem liquidez imediata (importante se for para a reserva de emergência);
- b)** oferecem remuneração superior à do Tesouro Direto;
- c)** o emissor é de boa qualidade; e
- d)** não há taxas de administração ou outros custos bancários.

Título de bancos serão sempre mais arriscados do que os emitidos pelo governo, pois eles não dispõem dos mesmos mecanismos que o governo possui para se financiar, como já mencionamos. Por isso, os bancos criaram um mecanismo chamado de Fundo Garantidor de Crédito (FGC) para dar mais credibilidade aos seus produtos, sobre o qual falamos acima. O FGC, no entanto, possui alguns limites que podem dificultar a recuperação do seu capital, caso o banco emissor torne-se inadimplente.

Por isso o CDB deve oferecer uma remuneração superior à do Tesouro Direto, para que valha à pena o risco adicional. Da mesma forma, evite seduzir-se por taxas muito elevadas, que em geral embutem riscos igualmente altos, em geral emitidos por bancos de pequeno porte com saúde financeira frágil. Nunca devemos nos esquecer que altos retornos estão sempre associados a maiores riscos, que muitas vezes não compensam.

Sobre os CDB há incidência de IR sobre os rendimentos, de acordo com a tabela regressiva. Há, ainda, a incidência de IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) somente para saques que ocorram até o 30º dia, com alíquotas também regressivas.

10.2.3 – LCI e LCA (Letras de Crédito Imobiliário e do Agronegócio)

São títulos parecidos com o CDB, com prazos de 3 meses ou acima, cujos recursos captados pelos bancos devem ser destinados a setores específicos da economia, como o setor imobiliário (LCI) e o agronegócio (LCA).

Como são dois setores que geram muitos empregos e estimulam a atividade econômica, são isentos de IR, como forma de atrair investidores, este sendo um dos grandes atrativos destes investimentos. Isso faz com que os ganhos líquidos sejam superiores aos do CDB, mesmo que ofereçam remuneração bruta inferior. Os sites dos bancos e corretoras costumam mostrar a equivalência entre os rendimentos líquidos, em percentual do CDI, entre CDB e LCI/LCA, para facilitar a decisão de investimento.

10.3 – Títulos emitidos por empresas

As empresas podem captar recursos para financiar seus projetos de investimento. Como são investimento de maior risco e não contam com a proteção do FGC (restrito aos produtos bancários), as empresas precisam oferecer garantias para atrair os investidores, tais como alienação fiduciária de imóveis e outras. Os riscos deste tipo de investimento resultam na oferta de taxas atrativas. É necessária uma rigorosa análise de crédito desses títulos, já que podem assumir variadas formas de remuneração, forma de pagamento, garantias e prazos, conforme cada caso específico.

Dados os riscos, a complexidade e enorme oferta, é o tipo de investimento que deve contar com o apoio de especialistas na tomada de decisão. Em muitos casos poderá ser mais vantajoso investir em Fundos voltados para esse tipo de investimento, com bons gestores que saberão encontrar o melhor equilíbrio entre risco e retorno, assim como diversificar o risco.

10.3.1 - Debêntures

São títulos de dívidas emitidos pelas empresas, visando captar recursos para financiar seus projetos. As taxas de remuneração são definidas num processo de oferta na qual o emissor define os limites da captação e os investidores interessados fazem a sua oferta, até que se defina uma taxa que seja do interesse de ambos.

Debêntures podem ser vendidas, sofrem “marcação a mercado” e costumam ter pouca liquidez.

Podem ser de vários tipos, apresentar variadas formas de garantias e ser remuneradas de diferentes maneiras. O principal risco de uma debênture é o risco de crédito. Ou seja, a qualidade e a capacidade de pagamento do seu emissor. Por isso, é indicada para investimentos de longo prazo e após profunda análise.

Sobre as debêntures há incidência de IR sobre os rendimentos de acordo com a tabela regressiva de IR. Há, ainda, a incidência de IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) somente para saques que ocorram até o 30º dia, com alíquotas também regressivas.

Debêntures emitidas para financiar projetos de infraestrutura, conhecidas como debêntures incentivadas, são isentas de tributação, como forma de estimular projetos desta natureza.

10.3.2 – CRA e CRI (Certificado de Recebíveis Imobiliários e do Agronegócio)

CRA e CRI são títulos de dívida voltados para investimentos relativos a projetos imobiliários e do agronegócio.

Possuem características muito parecidas com as debêntures no que diz respeito às variadas formas de emissão, prazos, remuneração, taxas e garantias, cabendo ao investidor efetuar uma análise profunda de todos os seus aspectos, em especial o risco de crédito.

Assim como as debêntures, podem ser negociadas antes do vencimento, mas também sofrem com a falta de liquidez.

CRA e CRI, por estarem voltadas para setores incentivados pelo governo, são isentas de tributação.

11 – Renda variável

11.1 – Ações - Ao comprar ações de uma empresa, você se torna sócio de um negócio cuja rentabilidade está atrelada às expectativas dos investidores quanto ao seu desempenho e aos resultados vindouros. Portanto, devido às incertezas quanto ao futuro, às mudanças na economia, nos indicadores econômicos, crises políticas, etc., as ações possuem elevada volatilidade, alternando momentos de ganhos e de perdas.

Há diversos tipos de investidores e de técnicas de investimento. Alguns estão focados em operações especulativas e orientam as suas decisões em avaliações técnicas (análise gráfica) para obter ganhos em distorções e tendências de curto prazo. Outros operam analisando o longo prazo, valendo-se de análises voltadas para os fundamentos, a solidez do negócio e suas projeções futuras (análise fundamentalista).

Como estamos orientados para a formação de patrimônio no longo prazo, acreditamos que o conceito fundamentalista é o que mais contribui para o sucesso dessa estratégia.

Há uma infinidade de variáveis relevantes para a escolha das melhores ações a investir, tais como o setor, porte, gestão, concorrência, mercados, riscos do negócio, potencial de crescimento, localização, etc. O conhecimento dos conceitos básicos de análise de ações e a sua aplicação na prática requer muito estudo.

Por esse motivo, o mercado cria diversas alternativas para facilitar a vida dos investidores, tais como os Fundos de Investimento e ETF (falarei deles adiante), uma espécie de condomínio de investidores que confiam a gestão dos seus recursos a profissionais experientes e especializados nas diversas ramificações existentes.

Assim, há Fundos focados em ações de pequeno porte (small caps), em ações pagadoras de dividendos, de empresas de grande porte, de tecnologia, de commodities, Fundos que buscam acompanhar o índice geral de ações, Fundos imobiliários (FII), Fundos de ouro, Fundos de ações estrangeiras, Fundos multimercado (renda fixa e renda variável), Fundos cambiais, etc.

Quais as melhores ações para investir? Para quem tem foco em longo prazo, há uma filosofia de investimento chamada de **Value Investing (investimento em valor)**, um conjunto de princípios que conduzem ao sucesso no longo prazo, utilizada pelo lendário investidor Warren Buffet, o maior investidor global em ações:

1) Compre empresas, e não ações. Invista como se fosse no seu negócio, em empresas de alta qualidade. Procure entender os fundamentos, se a empresa opera em excelência, tem liderança, tem um negócio simples, focado no futuro e tem gestores confiáveis;

2) Preço é o que você paga, valor é o que obtém.

Procure comprar empresas cujo preço da ação está descontado com relação ao que vale. Isso lhe dará uma boa margem de segurança no futuro. Valor é o seu preço justo, calculado com base nos fundamentos dos negócios e em suas perspectivas futuras. Preço é o que você paga. Valor é o que você leva.

Os investidores de longo prazo costumam seguir um outro conceito, chamado de **buy and hold (compre e segure)**, que pode ser usado de forma complementar ao anterior. Consiste na aquisição de empresas de alta qualidade com as características do item 1 acima. Essa técnica funciona bem para investidores que têm disciplina para investir mensalmente numa carteira de ações eleita para o longo prazo, resultando na formação de um “preço médio” de compra que tende ao valor justo da empresa, já que as imperfeições do mercado, que podem resultar em desalinhamentos de preços, terminam por se ajustar ao longo do tempo, reduzindo a preocupação de perseguir o preço ideal de compra.

Um outro conceito no qual acredito muito é o da diversificação de investimentos, comprando ações de empresas de perfis e setores diferentes, com exposição a diferentes mercados (local e exterior), de diferentes portes, etc, evitando os riscos resultantes da concentração de investimentos. Além disso, consiste em montar uma carteira de investimentos equilibrada entre as mais diversas classes de ativos, com exposição a Renda Fixa, Renda Variável, ativos no Brasil e com exposição a moedas estrangeira, assim como a busca de ativos de proteção, como o ouro.

Uma nota importante: há divergências entre autores com relação à eficácia da diversificação. Na minha visão, a diversificação faz sentido para investidores não profissionais, que preferem dedicar-se às suas atividades específicas, usando os investimentos como forma complementar de renda no longo prazo. Já os investidores profissionais costumam aprofundar-se em mercados específicos e ali concentrar seus esforços. Em geral, vivem para isso. São os chamados empreendedores e empresários. Estes são mais resistentes à diversificação. Ou seja, não há certo e errado nesta questão. Mais uma vez, a estratégia de investimento vai sempre depender do perfil de cada investidor.

Qual a melhor forma para investir em ações? Para os investidores iniciantes que ainda estão em fase de aprendizado e/ou com poucos recursos, e que portanto terão dificuldade de selecionar as melhores empresas e com dificuldade de diversificar os investimentos, sugiro investir em Fundos de investimento de qualidade, que tenham bons gestores, que se preocupe em montar proteções contra crises e que tenham histórico de sucesso (ainda que isso não garanta bons resultados no futuro).

A vantagem dos Fundos é que há uma variação enorme de opções, os gestores estão focados em capturar as boas oportunidades sem perder a passada, são profissionais e tendem a fazer as melhores escolhas.

As desvantagens são que o Fundo cobra taxas de administração e, às vezes de performance. Porém, se estiver entregando uma rentabilidade líquida interessante, esse desconforto perde relevância. No final, o que vale é o ganho líquido que está sendo entregue.

Poderá, ainda, investir em Fundos ETF, que espelham os índices de referência da Bolsa (falarei mais adiante).

Numa fase de educação financeira mais avançada e com um volume financeiro mais relevante, pode fazer sentido investir diretamente nas ações, sendo recomendado manter uma diversificação com uma carteira com um mínimo de 5, mas idealmente algo entre 8 e 15 ações.

Ações e ETF pagam imposto de renda à alíquota de 15% sobre os lucros nas vendas. As ações estão isentas de tributação quando o valor total das vendas em determinado mês for inferior a R\$ 20 mil, mas não os ETF. O IR das ações será de 20% nas operações de day trade (compra e venda no mesmo dia). A responsabilidade pela apuração e recolhimento do IR é o investidor, no mês seguinte ao da venda. Mas não se preocupe com os cálculos. Há calculadoras de imposto de renda que você poderá contratar a valores reduzidos. Caso invista em Fundos de Investimento, o IR será retido e pago pelo próprio Fundo.

Como selecionar os melhores ativos, sejam eles Fundos, ETF ou ações? Como saber quem são os bons gestores, como analisar o desempenho das carteiras e projetar o futuro, como saber os riscos e as apostas dos gestores? A melhor saída é contratar os serviços de casas independentes de análise, totalmente dissociadas das corretoras ou dos bancos, cujas opiniões são sempre enviesadas para os seus interesses e seus próprios Fundos. As melhores casas independentes fazem uma vasta varredura no mercado e possuem sugestões de carteiras para todo o tipo de perfil de investidor, e você certamente se encaixará em algumas delas.

Esse mercado é bem recente no Brasil, e tem se desenvolvido com muita velocidade nos últimos 5 anos. As casas de análise independente de maior destaque, atualmente, são a Empiricus e a Inversa. Minha única crítica é que como vivem de vender conteúdo e assinaturas, elas acabam por criar uma infinidade de produtos que terminam por confundir a cabeça do investidor. O macete é selecionar os conteúdos que são focados nos seus interesses, assinar e seguir as orientações e não se seduzir com o marketing exagerado que fazem dos novos produtos que lançam a cada semana.

11.2 – Fundos de investimento imobiliário (FII)

Os FII são uma interessante alternativa de investimento para os seus recursos destinados à renda variável. São Fundos compostos por ativos imobiliários (um ou vários) que são obrigados a distribuir mensalmente aos investidores no mínimo 95% dos seus resultados.

Significa investir de forma simplificada em frações de imóveis e ativos do mercado imobiliário, recebendo renda de aluguel, além do potencial ganho de capital com a valorização da cota. Boa alternativa para construir renda passiva.

Há vários tipos de FII, sendo os mais comuns: terrenos, prédios, shoppings, lajes corporativas, galpões logísticos, títulos de dívidas imobiliárias (CRI e LCI), dentre outros.

Por estarem vinculados a imóveis, tendem a apresentar uma menor volatilidade do que as ações, funcionando como um amortecedor para as variações na sua carteira de renda variável, além de garantir um fluxo de caixa mensal de aluguel que será depositado na sua conta corrente na corretora de investimentos.

Há riscos, porém. Um deles é a baixa liquidez, em especial para os FII que possuem poucos imóveis na carteira. Outros riscos relevantes são: gestão, inadimplência dos inquilinos, vacância e risco de crédito.

Uma solução para diluir esses riscos é investir em Fundo de Fundos (Fundo of Funds - FoF), que adquirem não os imóveis diretamente, mas as quotas de outros Fundos detentores dos ativos. Isso lhes dá uma maior diversificação, maior liquidez e agilidade para se desfazer de ativos de baixa performance. Investir em FoF é uma grande sacada para minimizar os riscos inerentes aos FII.

Os rendimentos dos FII são isentos de tributação. Porém, há incidência de IR a 20% sobre os lucros apurados na venda das cotas. A responsabilidade pela apuração e recolhimento do IR é do investidor, no mês seguinte ao da venda.

11.3 – Exchange Traded Funds (ETF)

ETF é um Fundo de investimento que está atrelado a um índice de referência do mercado financeiro. Em outras palavras, um ETF busca replicar a rentabilidade de um determinado índice que é usado como referência para os investidores.

Um dos mais conhecidos ETF é o BOVA11, que espelha a rentabilidade do Ibovespa. Para tanto, o do ETF mantém naquele Fundo a mesma composição e proporção das ações usadas para gerar o Ibovespa que, por sua vez, é uma carteira teórica das ações mais negociadas que procura medir a rentabilidade da Bolsa de Valores (B3). Assim, qualquer que seja a rentabilidade do Ibovespa, o BOVA11 o repetirá. Note que a gestão do ETF é passiva, ou seja, o gestor não agirá ativamente para buscar superar o índice, mas apenas repeti-lo.

Os ETF são uma boa alternativa para quem não tem conhecimento suficiente para escolher as ações nas quais investir, ou possui recursos insuficientes para garantir uma boa diversificação. Assim como os Fundos de Investimento, os ETF são uma alternativa para investidores iniciantes. Para quem busca gestão ativa, ou seja, superar os índices de referência (**benchmark**), os Fundos de Investimento são preferíveis aos ETF.

Há inúmeros outros ETF à disposição dos investidores, como por exemplo o IVVB11, que replica a rentabilidade dos principais ativos da Bolsa norte-americana, o S&P500, em dólares. Se você gosta de investir nas ações de empresa de pequeno porte, há o SMAL11, e assim por diante.

Com já comentado, os ETF são sujeitos à tributação pelo IR à alíquota de 15%, da mesma forma que as ações. Porém, não há a isenção para quem realiza vendas de até R\$ 20 mil por mês, aplicável às ações apenas.

12 – Fundos de Investimento

Já falei sobre os Fundos de Investimento (FII, ETF). Porém, preciso voltar ao tema, para maior esclarecimento. Os Fundos são uma alternativa muito interessante para o investidor, através dos quais você delega a gestão de seus recursos para profissionais qualificados.

Um Fundo de investimento é basicamente uma carteira de ativos financeiros. Portanto, funciona como uma espécie de condomínio que reúne investidores com os mesmos objetivos de risco, rentabilidade e estratégia de investimento, através da aquisição de suas cotas. Os Fundos são regulados, classificados e fiscalizados pela CVM (Comissão de Valores Mobiliários) e pela ANBIMA (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais).

Há, segundo a ANBIMA, R\$ 5,8 trilhões investidos em Fundos de Investimento no Brasil, em agosto de 2020, distribuídos em cerca de 21 mil Fundos. Há diversas classes de Fundos, sendo as principais: Renda Fixa, Ações, Multimercado, Cambial, Previdência, ETF e Imobiliário, cada qual com suas regras específicas, para proporcionar segurança e comparabilidade aos investidores.

Fundos de Renda Fixa (RF) podem ser, dentre outros, Soberanos (investem 100% em títulos federais), Simples (95% em títulos federais ou de risco equivalente) e Indexados (atrelados a índices de referência de RF).

Fundos de Ações devem possuir no mínimo 67% da carteira em ativos de renda variável (RV), tais como ações, cotas de Fundos de ações, etc.

Fundos Multimercado investem em variadas classes de ativos, tais como renda fixa, ações, câmbio, investimento no exterior, etc. Possuem a vantagem da diversificação. Porém, há que se ter cuidados na seleção, dada a complexidade das carteiras e a possível exposição a riscos variados, pela maior liberdade dos gestores.

Fundos de Investimento Imobiliário (FII) reúnem investidores interessados em adquirir imóveis sem a necessidade de compra direta, mas através das cotas dos Fundos. São listados na Bolsa de Valores (B3) e comprados como ações. São obrigados a distribuir no mínimo 95% dos seus rendimentos aos cotistas.

Para evitar o risco de baixa liquidez, há a possibilidade de investir em Fundo de Fundos, ou Fund of Funds, conhecidos como FoF. Os rendimentos são isentos de tributação. Porém, há incidência de IR a 20% sobre os lucros apurados na venda das cotas.

Vantagens de investir em Fundos de Investimento:

- 1)** Investidores iniciantes: gestão delegada a profissionais qualificados;
- 2)** Investidores com poucos recursos: ampla diversificação através do Fundo; e
- 3)** Rentabilidade: facilidade de comparação com os índices de referência (*benchmark*) e com demais Fundos;

Desvantagens de investir em Fundos de Investimento:

- 1)** Risco de gestão, já que a autonomia está delegada ao gestor do Fundo;
- 2)** Taxas de administração e performance (em alguns casos). Tem reduzido efeito quando o desempenho é positivo, porque a rentabilidade divulgada do Fundo já está líquida de taxas; e
- 3)** Liquidez, nos casos em que há prazos longos para resgate.

Como selecionar Fundos de Investimento?

Inicialmente, definindo seus objetivos e os riscos que está disposto a correr. Você já terá uma ideia bem clara disso a partir da determinação do seu perfil de investidor. A partir disso, é distribuir os investimentos com base nos seguintes critérios:

- 1)** A qualidade do gestor;
- 2)** A política de investimentos do Fundo;

3) O histórico de performance, ainda que performance passada não seja garantia de performance futura;

4) As taxas de administração e performance; e

5) A liquidez (data de cotização e liquidação financeira/resgate)

13 - Riscos de perda do capital investido

Os investidores têm muitos receios e dúvidas a respeito da segurança sobre os seus recursos. Os riscos variam de acordo com o caso. Vamos ver os principais riscos e como o sistema financeiro busca proteção para o investidor.

Corretora de Valores: as corretoras (BTG, XP, Genial, Rico, Clear, etc) são empresas intermediárias, que atuam como revendedoras de títulos emitidos por outras instituições, como o governo (títulos públicos), bancos (CDB, LCA e LCI) e empresas (debêntures, CRI e CRA). Ao usar uma corretora, os seus investimentos são encaminhados para os emissores dos títulos, e não ficam nas corretoras, apenas Transitam por elas. Cada compra é registrada em uma das várias centrais de custódia, que se encarregam de registrar as operações.

Portanto, caso a corretora vá à falência ou deixe de operar, você poderá solicitar a transferência de seus registros para uma outra corretora, e não perderá o seu investimento. O único risco é sobre o saldo mantido em sua conta corrente na corretora (valor não investido) e valores em trânsito (resgate, proventos, dividendos). Há alguns mecanismos de proteção limitados a alguns tipos de investimentos e valores, mas melhor não se fiar neles. O melhor é não ter dinheiro parado em conta corrente.

Bancos: os depósitos mantidos em conta corrente e os títulos de emissão dos bancos (depósitos à vista, Poupança, CDB, LCI e LCA, dentre outros) representam riscos para o investidor. Para tanto, os bancos criaram o Fundo Garantidor de Crédito (FGC), já citado neste ebook, que objetiva garantir perdas de até R\$ 250 mil por emissor. Por isso, evite investir mais de R\$ 250 mil em títulos bancários emitidos por um único banco ou bancos de mesmo grupo econômico. Se for o caso, diversifique entre ativos de diversos emissores de boa qualidade.

Empresas: quando você compra uma ação de uma empresa, você se torna sócio dela. Corre, portanto, os riscos do negócio. Por esse motivo é tão importante fazer uma boa seleção das empresas nas quais investir. O mais comum é que antes de uma empresa de grande porte falir, suas ações comecem a sofrer forte desvalorização, o que já pode ser um sinal de que chegou o momento de sair antes que o barco afunde. As empresas emitem, ainda, títulos como debêntures, CRI e CRA, os quais não possuem a garantia do FGC, que é exclusivo das empresas financeiras. Nesse caso, as garantias são sempre específicas para cada título emitido, para o risco detectado em cada emissão. Esse é o motivo pelo qual esses ativos oferecem bons retornos. Portanto, ao investir em títulos privados, assessores para que esteja consciente de todos os riscos inerentes a cada uma das emissões. Caso essas empresas quebrem, as garantias são aquelas oferecidas nos prospectos relativos às emissões.

14 - Outros tipos de investimento

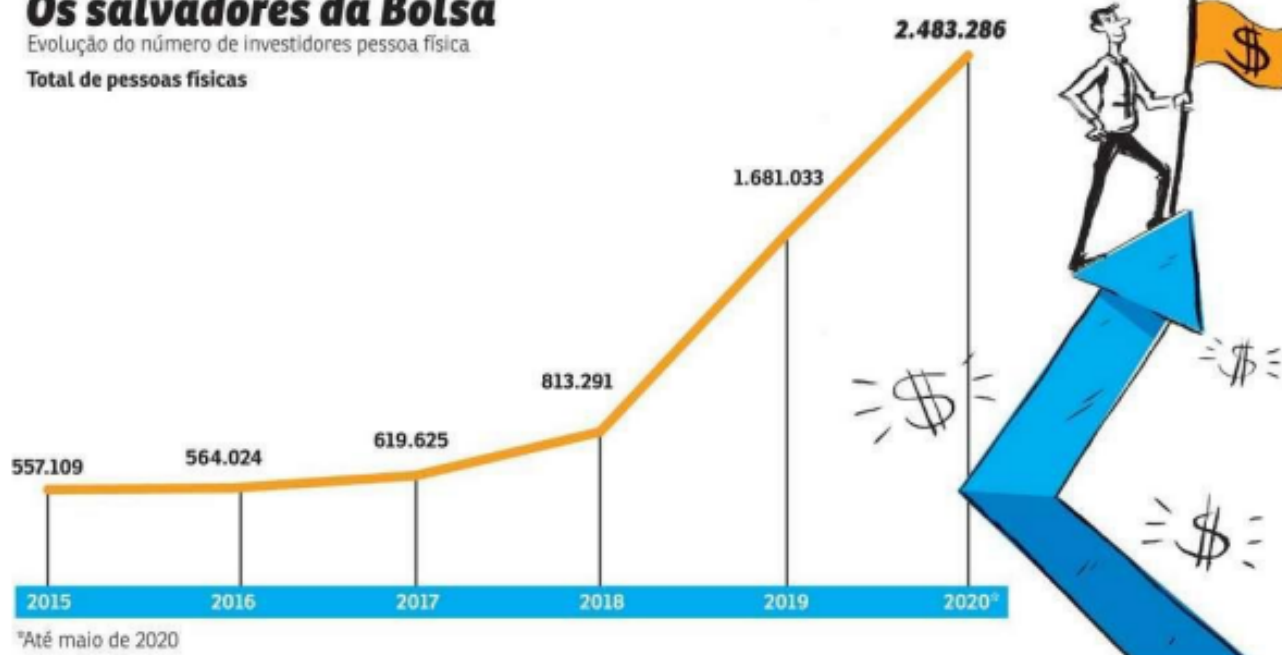
Há investidores que preferem o dinheiro no seu próprio bolso, evitando o mercado financeiro. São, em geral, pessoas que não toleram as incertezas do “mercado”. É uma característica ainda bem presente no investidor brasileiro, que sempre apresentou certa resistência a investir na Bolsa.

O mercado financeiro, nos últimos anos, vem amadurecendo rapidamente, com a oferta de novos produtos e maior profissionalização. Some-se a isso a queda drástica da Taxa Selic, que reduziu a atratividade da Renda Fixa, empurrando os investidores para a Bolsa (Renda Variável). O gráfico abaixo mostra a mudança de comportamento recente do investidor brasileiro, com adesão relevante à Bolsa de Valores. Em agosto de 2020 já há quase 3 milhões de CPF cadastrados na B3, quase o quádruplo do que havia apenas 2 anos atrás. Um crescimento notável.

Os salvadores da Bolsa

Evolução do número de investidores pessoa física.

Total de pessoas físicas



Ainda assim, há muita gente fora da Bolsa. E que preferirá continuar assim, atitude que deve ser respeitada.

Esse tipo de investidor prefere focar em mercados mais “concretos”, em geral imóveis. Por isso, falarei um pouco sobre esse mercado.

Ainda que apresentem algumas barreiras de entrada importantes, tais como elevado custo com taxas e impostos, burocracia documental, longo prazo de maturação e alta demanda de capital, investimento em imóveis sempre apresentará boas oportunidades para o investidor.

A variedade de oferta e a complexa matriz de variáveis que determinam o valor dos imóveis exige profundo conhecimento do mercado. Por isso, investir em imóveis requer profundo entendimento a respeito do comportamento do mercado. Lembra quando falei do dilema entre diversificação e especialização?

Investidores “profissionais” em imóveis preferem especializar-se em determinados setores do mercado, encontrando complementariedades para se proteger do risco da concentração, e evitam diversificar em excesso, sob pena de colocarem os pés em terreno desconhecido.

Quais são as possibilidades? Quais são os setores?

Inúmeros: compra de terreno para construção, quartos de hotel para renda de aluguel, apartamentos ou salas comerciais para reforma e venda, apartamentos, lojas e salas para renda de aluguel, compra na planta ou em fase de construção, construção de galpões para aluguel, etc. Há ainda os que se especializam em encontrar barganhas, como os caçadores de imóveis em leilões.

Para os que se dedicam à compra de imóveis residenciais e comerciais (para reforma e venda ou para aluguel), algumas regras são importantes para obtenção de sucesso: boa localização e preço abaixo do valor de mercado.

Bons Imóveis localizados em localidades demandadas e já saturadas (sem novos espaços para construção), aumentam as chances de bons negócios.

O desafio do investidor é encontrar barganhas em mercados saturados. Elas sempre existiram e continuarão a existir, dadas as naturais assimetrias existentes nesse mercado em que pequenos detalhes podem fazer toda a diferença na determinação dos preços, tais como padrão construtivo, idade do imóvel, estado de conservação, padrão de reformas, localização em relação ao sol, proximidade de comércio e rede de transportes, etc.

Caso você tenha esse perfil, dedique a conhecer profundamente o mercado regional onde procurará atuar e busque os relacionamentos corretos para ter acesso antecipado às oportunidades. Com muita determinação, boa dose de coragem e paciência, os resultados poderão ser muito favoráveis.

15 – Roteiro para começar a investir

Veja uma sequência lógica para obter sucesso nas suas atividades de investimento:

- 1** – Eduque-se constantemente
- 2** – Descubra o seu perfil de investidor
- 3** – Adote uma metodologia para investir
- 4** – Controle seus gastos mensais para gerar excedentes para investimento
- 5** – Crie disciplina para investimentos
- 6** – Projete objetivos de médio e longo prazos e tenha um plano para conquistá-los
- 7** – Monte uma carteira voltada para o longo prazo e invista mensalmente
- 8** – Seja consistente a longo prazo
- 9** – Acompanhe o desempenho de seus investimentos periodicamente e ajuste-os
- 10** – Revise seus objetivos de médio e longo prazos ao menos anualmente